



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO OESTE DO PARÁ – UFOPA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES – PARFOR
CURSO DE LICENCIATURA INTEGRADA EM HISTÓRIA E GEOGRAFIA**

CARLOS CLEI MELO

**BELTERRA: UM OLHAR A PARTIR DA TRANSFORMAÇÃO DA
PAISAGEM**

SANTARÉM – PARÁ

2018

CARLOS CLEI MELO

**BELTERRA: UM OLHAR A PARTIR DA TRANSFORMAÇÃO DA
PAISAGEM**

Trabalho de Conclusão de curso apresentado para obtenção de nota final do curso de graduação em Licenciatura Integrada em História e Geografia da Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA. Orientado pela Professora Ma. Maria Salomé Lopes Fredrich.

SANTARÉM – PARÁ

2018

CARLOS CLEI MELO

**BELTERRA: UM OLHAR A PARTIR DA TRANSFORMAÇÃO DA
PAISAGEM**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Programa de Aperfeiçoamento de Formação de Professores do Ensino Básico como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História e Geografia pela Universidade Federal do Oeste do Pará- UFOPA.

Aprovado em 02 de março de 2018

BANCA EXAMINADORA

Profa. Ma. Maria Salomé Lopes Fredrich (Orientadora – UFOPA)

Prof. Me. Ivan Gomes da Silva Viana (Examinador – UFOPA)

BELTERRA: UM OLHAR A PARTIR DA TRANSFORMAÇÃO DA PAISAGEM

Carlos Clei Melo¹

RESUMO: Na ideia da Amazônia ser vista como “celeiro” do mundo, de grandes recursos naturais, fez com que esta região estivesse nos projetos da expansão do capital internacional. Desse modo, o presente artigo tem como tema central analisar a transformação da paisagem geográfica do município de Belterra, tendo como recorte os períodos de 1934 – 1945 e 1995 – 2016. São dois momentos que marcam mudanças na paisagem que culminam em uma série de problemas sociais e ambientais na região. Para tanto, fizemos uso de literaturas sobre o tema com a finalidade de encontrar aporte teórico que justificasse a importância dessa análise. Desse modo, para obter os resultados do artigo foi necessário partir de alguns procedimentos metodológicos tais como: a) investigação no campo da pesquisa; b) realização de levantamento de documentos em órgãos públicos, no Centro histórico da cidade; c) levantamento de referências bibliográficas sobre o tema, a fim de compreender as dinâmicas da paisagem e da história social de Belterra. Assim, ressalta-se que embora tenha passado mais de 70 anos da experiência do grande projeto Ford, que foi o grande plantio de seringueiras, hoje vivemos a presença marcante da soja na cidade de Belterra.

Palavras-Chave: paisagem geográfica; Ford; Belterra.

1. INTRODUÇÃO AO TEMA E JUSTIFICATIVAS DAS ESCOLHAS

O objetivo desse trabalho é para observarmos como se deu as transformações da paisagem geográfica do município de Belterra, tendo como recorte temporal os períodos de 1934 – 1945/1995 – 2016, o primeiro momento da chegada da empresa Norte Americana e o seu grande projeto para Belterra. Esta empresa se apropriou de uma de uma grande porção de terra, desmatando e destruindo alguns modos de vida outrora existentes no lugar.

Lembramos que a Amazônia sempre foi vista como “celeiro” do mundo, de grandes recursos naturais. O modo de vida dos que aqui viviam foi ignorada por esses projetos para que outras técnicas fossem aqui implantadas com a finalidade de expansão do capital internacional.

¹ Acadêmico do Curso de Licenciatura Integrada em História e Geografia pela Universidade Federal do Oeste do Pará – UFOPA – Campus de Santarém.

Ressaltamos que embora tenha passado mais de 70 anos da experiência do grande projeto Ford, que foi o grande plantio de seringueiras, hoje vivemos a presença marcante da soja na cidade de Belterra.

No primeiro momento, 1934 – 1945, Belterra vive a construção da cidade empresa na floresta como muitos são sabedores, em que mesmo convivendo com os brasileiros suas atividades sociais são exclusivos para os americanos. Belterra passa para o cenário urbano não por méritos próprios, mais pelo momento vivido como no processo urbano – industrial que passa várias cidades do Brasil, mais através da urbanização pela verticalidade (SANTOS 2006).

No segundo momento, 1995 – 2016, observamos a presença da soja na cidade e em seus arredores, depois de sua emancipação (Belterra), do município de Santarém. Essa nova etapa obteve apoios políticos de diversos níveis, principalmente de financiamentos, flexibilidade das leis ambientais e de estudos que apontam onde está as melhores áreas de cultivo da soja. O elo entre esses dois momentos dá-se pelo modo de vida outrora, o uso de forma predatória da floresta e outros.

Para entender os elementos especificados partimos dos seguintes objetivos:

a) Geral

Analisar as transformações ocorridas na paisagem de Belterra durante dois períodos, 1934/1945 e o de 1995/2016.

b) Objetivos específicos

- Entender como a paisagem modificada natural é percebida pelos moradores da região.
- Identificar os principais fatores responsáveis pelas transformações na paisagem em Belterra;

Para tanto, foi necessário partir de alguns procedimentos metodológicos para a conclusão deste trabalho, tais como: a) investigação no campo da pesquisa, no qual dialogamos com pessoas que conviveram ou que soubessem relatar histórias sobre Belterra. Também realizamos a leitura da paisagem a do trabalho de campo, no qual foi possível observar as áreas com plantações de soja; b) realizamos o levantamento de documentos em órgãos públicos, no Centro histórico da cidade, onde encontramos um acervo bastante interessante tais como: livros, fotografias, jornais, etc; c) além dos procedimentos relatados, realizamos a pesquisa bibliográfica sobre o tema, a fim de compreender melhor as dinâmicas da paisagem e da história social de Belterra.

2. AS TRANSFORMAÇÕES NA PAISAGEM EM BELTERRA

O território brasileiro vem sofrendo inúmeras modificações em virtude do modelo de ocupação e desenvolvimento adotado em diferentes períodos de sua história. Desde a colonização vêm se adentrando a mata nativa de maneira desordenada como se fosse algo que nunca se acabaria.

O processo de desflorestamento brasileiro, de maneira geral não diferiu de outros registrados do mundo. Segundo a FAPESP (2008), o Brasil já fez uso de 25 milhões de quilômetros quadrados de sua mata nativa desde o início de sua colonização.

O processo de desmatamento na Amazônia ganhou um maior impulso a partir da metade do século XX, com o crescimento agrícola e abertura de estradas para fins de desenvolvimento e povoamento da Amazônia por parte do Governo Federal. A Amazônia já perdeu grande parte de sua vegetação nativa para uso de pastagem, plantações, estruturas de cidades e outros (BECKER, 2004).

Entre tantas áreas, Belterra vem sofrendo impacto em sua mata nativa, com dura transformação da sua paisagem, a partir, sobretudo, da implantação do Projeto Ford na Amazônia na década de 1930, como é possível observar no livro de GRANDIN (2010) “Fordlândia Ascensão e queda da cidade esquecida de Henry Ford na selva”.

O nosso olhar sobre paisagem se pauta nas leituras de Milton Santos, na sua obra clássica “Metamorfose do Espaço Habitado”. Apesar da “vaguidade” do conceito o autor é feliz ao dizer que paisagem é “tudo que nós vemos, o que nossa visão alcança”. Desse modo, o sentido de paisagem para Milton Santos, e no qual nos apoiamos, está no domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.” (1996, p. 61).

Como já dissemos, há uma série de referenciais que pautam sobre a questão, Belterra sofreu várias transformações em sua paisagem, mas o que nos chama a atenção foi a maneira abrupta da forma que aconteceu essa transformação. Ao citarmos anteriormente Santos (1996), podemos dizer que Belterra, apesar de ainda ter algumas áreas ainda preservadas, é constituída por uma paisagem artificial promovida pelo esforço avassalador do capital.

Dentro dessa visão retomamos este trabalho, que nos esclarecerá o tema de capa. O primeiro momento (1934 – 1945), sofrido na paisagem em Belterra foi com a abertura de terras para implantação do projeto Ford, já que outra área dentro do estado já havia sofrido danos aparentemente igual vivido em Belterra a partir da década de 30, quando Ford não

conseguiu desenvolver seu projeto nesta área alegando ficar na contramão dos centros comerciais mais desenvolvidos e requisitou do governo brasileiro uma nova área que fosse mais próxima às cidades, no caso do município de Santarém e que também a área fosse mais plana do que a atual Fordlândia, no município de Aveiro.

Tal requisição foi aceita pelo governo brasileiro, que deixou a cargo dos técnicos americanos, procurar por terras produtivas (férteis) e planas, pelo qual ansiavam os empresários norte-americanos. A comissão administrativa da Ford conseguiu permutar uma área medindo 281.500 hectares por outra igual tamanho, onde se constituiu a antiga Vila de Belterra, uma região plana chamada de “Terras Gordas”, situada em uma chapada, a 30 milhas de Santarém que para os americanos era um grande negócio (AMORIM, 1995).

Depois de ter recebido a concessão das terras, os primeiros trabalhos foram o desmatamento das terras nativas para a abertura de estradas. Na comunidade de Porto Novo, a qual fica localizada as margens do rio Tapajós foram feitas as primeiras instalações para abrigar os trabalhadores que vieram de Fordlândia. A primeira área desmatada em Belterra foi de 8.000 hectares onde foram construídas mais de 300 casas, hospital, oficinas, escolas infraestrutura para os serviços de água, luz e esgoto, instalações industriais (AMORIN, 1995; PANTOJA, 2000).

Todas as estruturas foram implantadas em apenas um mês de execução do Projeto Ford em Belterra, o que atraiu os moradores das áreas circunvizinhas que começaram a negociar suas terras em troca de empregos na Companhia Ford, atraídas também pela boa estrutura e garantia de sobrevivência que a empresa oferecia aos seus trabalhadores. Com isso as terras que foram doadas passaram de 281.500 hectares no ano de 1934, para 1 milhão de hectares, no fim do projeto em 1945 (PANTOJA, 2000).

Com toda essa facilidade tanto de doação (troca) de terras por essas pessoas a Companhia Ford fixou-se na região durante duas décadas, explorando e desmatando a floresta que até outrora eram nativas.

Santos (1996, p. 8) ao citar Kant em seu livro *A Natureza do Espaço* diz que “a criação jamais termina jamais se completará. Uma vez iniciada, não para”, ou seja, “está sempre ocupada, produzindo novos objetos, novos cenários, novos mundos”. O trabalho a que preside corresponde ao tempo que sobre ela se estende. E nesse mesmo sentido que o mesmo Kant afirma ser a “História progresso infindo”.

E como isso o homem adentra nas paisagens (florestas) naturais sem ao menos se dar conta da grandeza de problemas que poderá a vir ocorrer por conta dessas transformações

causadas por consequências do evolucionismo, do capitalismo que busca sempre o apogeu de uma corrida que parece não terminar, sem medir as consequências tal qual hoje estamos passando.

A transformação na paisagem local de Belterra não se difere de outras paisagens que sofreram o mesmo tipo de impacto, sem que fosse observada e respeitada a história do lugar, a natureza, as espécies, tanto animal como vegetal. Isso foi devastador, pois o único objetivo era fazer a implantação de um projeto que culminaria no plantio de mais de 3,2 milhões de pés de seringueiras e o desaparecimento de milhares de outras espécies na paisagem da região.

No caso abordado, a natureza é transformada de maneira grotesca e impetuosa, já que se trata de uma mudança repentina do que era antes e do que temos agora de uma forma relâmpago, de uma paisagem nativa (natural), substituídas por outras paisagens.

Neste caso da transformação da primeira natureza (nativa) em Belterra, ela ainda era submetida apenas as dinâmicas naturais. Quando houve o primeiro contato com o homem, nesse caso as máquinas, o impacto aconteceu de maneira drástica e em larga dimensão, mas que na época não repercutiu tanto, como se fosse algo normal, o que hoje seria uma grande catástrofe humana: primeira pelas espécies animais e vegetais daquele local que de alguma forma foi dizimada devido a velocidade do acontecimento; segundo, impacto no clima causado pela derrubada da floresta nativa para o plantio de seringueiras, uma vez que se tinha um clima mais agradável, inclusive, no período da noite e pela madrugada. Já em períodos mais quentes, segundo os moradores locais a temperatura não era tão alta como acontece nos períodos atuais².

Segundo os relatos de antigos moradores houve uma modificação gradativa e de forma negativa no que se refere ao ambiente, com ampliação das áreas desflorestamento com a implantação da companhia Ford, em Belterra decorrente ao ciclo da borracha. A essa paisagem transformada pelo homem, Santos (1996, p.64) a denomina como sendo “paisagem artificial”, onde se cruzam os elementos naturais e artificiais. No que se refere ao município de Belterra, principalmente na sede municipal, temos esse tipo de paisagem.

Mas por trás disso tudo, qual seria o real interesse da companhia norte americana? Seria apenas o apogeu da borracha? Ou ainda, haveria outro interesse envolvido na qual desconhecemos?

² Muito embora não tenhamos dados climáticos do período, há de se levar em conta as narrativas dos moradores mais antigos. Não foi a nossa intenção trabalhar com tais dados, porém nas falas das pessoas ficam evidentes que houve mudanças na forma delas perceberem o ambiente em que elas vivem.

Ainda segundo as falas dos moradores da região havia ouro e muita madeira de lei, como o cedro, a castanha do Pará, jacarandá, etc. Mas o que os poucos documentos registram são os relatos relâmpagos de um período aparentemente bom e estável e o fracasso de um projeto que não deu certo devido o baixo preço da borracha no exterior e a concorrência do outro lado da Europa e a “clareira em nossa floresta”.

Com o fim do sonho dos norte americanos em ser uma referencia na produção de látex e borracha, as terras outrora de posse dos estrangeiros voltou para o poder do governo brasileiro, agora com administração federal através do M.A (Ministério da Agricultura) que administrou Belterra por aproximadamente cinco décadas.

Com o projeto Ford implantado em Belterra coube ao M.A. tocar em frente a produção de látex e borracha por longos anos com menos padrão norte americanos que mantinha os seringais limpos por exceção do feijão poerarios que era um aliado contra outros tipos de ervas. Os seringais eram mantidos limpos por serem plantados em linhas. Com os seringais em ponto de produção coube ao governo brasileiro recadastrar a mão de obra já existente no lugar por conta da companhia Ford, que só levou o que trouxe dos Estados Unidos.

Uma trégua dada à natureza nesse período em que não houve maiores danos na floresta devido a intensa exploração do látex, que elevou o reconhecimento da então vila de Belterra como maior produtora de borracha na região a qual recebeu o pseudônimo de “Vila das Seringueiras” chegando a produzir até duas toneladas diárias de látex e borracha, segundo depoimentos de alguns moradores da área, como senhor Chardival Pantoja.

Ironicamente a floresta e conseqüentemente a paisagem natural deixam de sofrer danos maiores com administração do governo brasileiro. Belterra passou por esse momento que também podemos dizer que é histórico, por que num espaço de 5 décadas não há registro de desflorestamento da paisagem nativa, visto que se tem uma área de conservação nacional FLONA (Floresta Nacional) dentro de suas limitações.

Sempre que se quer criar algo em prol da modernidade haverá uma transformação natural em artificial, ou seja, a troca do que se tinha, o natural, pelo o que se quer ter, o artificial. Tudo isso impulsionado pela produção capitalista como diz Santos (1996, p.69) “a paisagem deve ser pensada paralelamente as condições políticas, econômicas e também culturais,” assim a paisagem natural sofre mudanças com a finalidade de dar formas ao artificial, ou seja, a sua implantação em um determinado espaço. Em Belterra não foi diferente. Essa transformação deu-se de forma sistemática com a implantação do projeto Ford,

como já dissemos e como podemos visualizar nas imagens a seguir o começo da substituição da floresta pela produção do látex.

2.1 O PROJETO FORD EM BELTERRA

O ano de 1934 marca a história de Belterra. Foi o ano que começou a se pensar em novo lugar que pudesse substituir os problemas que surgiram em Fordlândia (município de Aveiro, sobretudo, com a ocorrência de uma doença que apareceu nas folhagens dos seringueais. Não apenas isso, a grande distância entre o município de Aveiro, onde ficava Fordlândia, e Santarém³, deixava os dirigentes da companhia Ford desanimados.

A nova estratégia seria a reivindicação de uma nova área, de igual tamanho e mais próximo do porto de Santarém. Com isso o governo brasileiro concedeu aos norte americanos, o poder de escolher o local que melhor lhes garantissem lucro na produção do látex. Os mesmos fizeram o estudo de áreas e o local escolhido foi em Belterra, com boa localização e melhores condições de manejo dos técnicos norte americanos. O acordo com o governo brasileiro foi firmado em 4 de maio de 1934, data de fundação de Belterra.

Figura 1: Derrubada da floresta para o plantio de seringueiras; fig. 2 Seringal; fig. 3 área de viveiro; fig. 4: casas/habitação dos seringueiros/ trabalhadores.



FONTE: Acervo registrado do centro de Memória de Belterra:

³ Santarém é o local onde ficava o principal porto de escoamento da região e as condições de trafegabilidade de navios de grande porte na época de seca (estiagem) do rio.

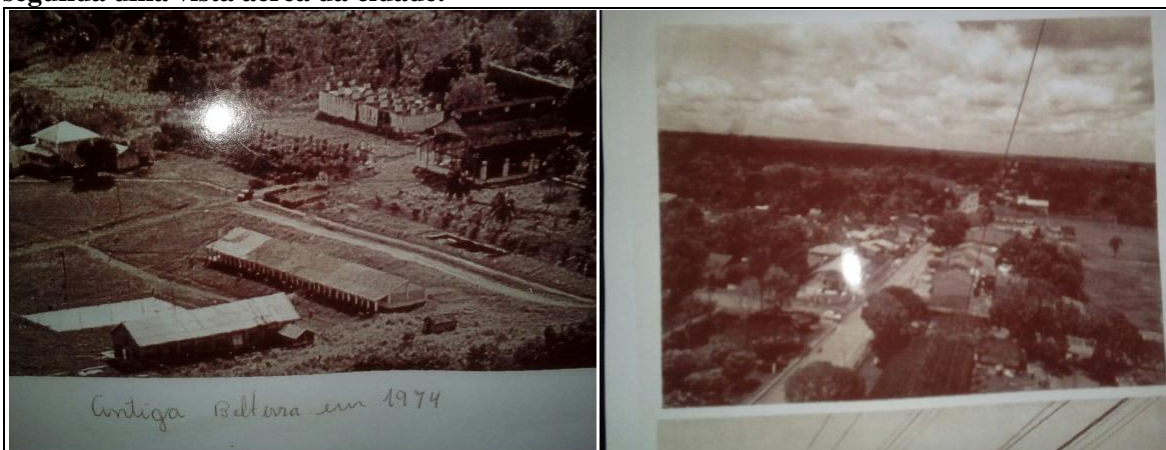
A partir daí, Belterra passou a ser o alvo dos investimentos e ações da companhia Ford Industrial do Brasil. (C.F.I.B.) Recursos financeiros mãos de obra, trabalhadores, material de construção, máquinas, veículos e tratores, foram transferidos de Fordlândia para a nova cidade que estava sendo edificada no meio da floresta.

3. BELTERRA SUA HISTÓRIA – A PAISAGEM VAI SENDO TRANSFORMADA

Para atingir seu objetivo que era produzir borracha em larga escala para suprir a indústrias de automóvel e se tornar autossuficiente na fabricação de pneus, cuja matéria prima, na época estava sobre o domínio da Inglaterra que determinava o valor da matéria de forma exorbitante, uma grande área de floresta necessitava ser derrubada, o que veio acontecer em poucos dias.

Em seu livro “A natureza do espaço” Milton Santos fala que “ a primeira presença do homem é um fator novo na diversidade da natureza, pois ela atribui as coisas um valor, acrescentando ao processo de mudanças um dado social” (Santos, 2006, p.85). Belterra passou por esse processo, foi planejada e construída obedecendo aos requisitos de uma cidade ao estilo norte americano, constroem estradas, residências, escritórios, hospitais e postos de saúde, escolas. Lá instalaram água encanada, usina de força e luz, telefone (com fio), fábrica de gelo, praças de esporte, serraria, área de comércio, clubes de diversões, complexo de oficinas, cinema e outros. Nas imagens a seguir, podemos observar os primeiros sinais de um processo de urbanização da cidade a partir da implantação do projeto Ford.

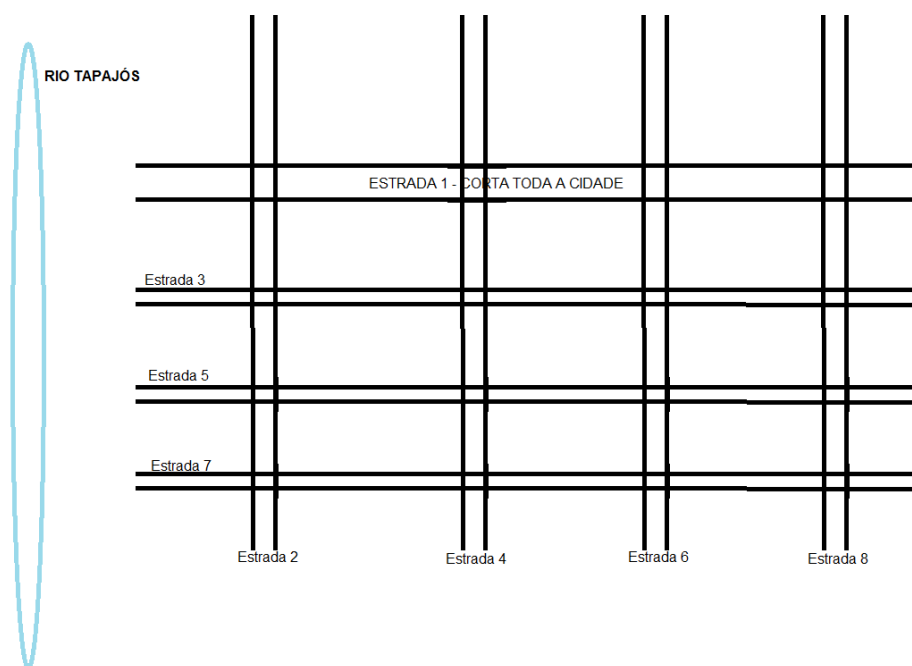
Figuras 5 e 6. Imagens de Belterra, a primeira de 1974 alojamentos da companhia e a segunda uma vista aérea da cidade.



FONTE: Acervo do centro de memória de Belterra.

A paisagem começava a ganhar outras formas, foram sendo abertas estradas e o plantio das seringueiras foram divididas em quadras de 400 metros em linha perpendiculars norte e sul e leste e oeste, as estradas eram separadas uma das outras a cada 2.600 metros, as de norte e sul receberam os números pares 2,4,6,8,10; e das do oeste e leste números impares 1,3,5,7,9, onde ate hoje são conhecidas por esses números todas são retas e terraplanadas.

Figura 7: Esboço da forma como foi feito a divisão das estradas em Belterra.



FONTE: Organização própria.

Os prédios administrativos e residências foram feitos de madeiras de lei, extraídos da própria floresta que ia sendo derrubada e queimada para surgir uma nova cidade que ia se erguendo e se estruturando em ritmo acelerado de tal forma que construção e seringueiras se conciliaram deixando as pessoas perplexas com tamanha rapidez dos acontecimentos.

Na quadra foram plantadas 2 milhões de seringueiras enxertadas com clones resistentes a doenças e de boa produtividade, que tinham sido trazidas da Sumatra, no oriente médio destinadas sementes prateadas do vale Tapajós pelos ingleses em 1876. E, então a planície Belterra que outrora era coberta pela paisagem natural, passa a ganhar o verde do seringal que foi plantado em sistema retilíneo implantado pela primeira vez em solo brasileiro.

Em outra citação no livro “A natureza do espaço” Santos (1996) afirma ser a divisão do trabalho um processo pela qual os recursos disponíveis se distribuem social e geograficamente, no qual o ser humano se apropria desse processo para estabelecer seus

empreendimentos utilizando os recursos disponíveis e reutilizando nas construções de prédios, casas e outros.

Figura 8: Igreja Matriz de Santo Antonio; figura 9 caixa d'água; figura 10: Casa dos médicos e (atual centro de memória de Belterra) Figura 11: Antiga Cabana de Belterra dos anos 1980 (dançanteria).



FONTE: Acervo Centro de Memória de Belterra.

Os dirigentes da Companhia Ford, eram assessores de Henry Ford, vindos dos Estados Unidos da América. O diretor do hospital Henry Ford, em Belterra, recebeu especialização em doenças tropicais para assumir a chefia. A mão de obra trabalhadora de campo eram vindas de outras localidades próximas e de outros estados do sudeste e principalmente do nordeste, onde na época a seca assolava a região e provocada a migração de famílias inteiras. Os técnicos de campo eram americanos e holandeses, estes por serem especialista no cultivo de borracha (AMORIM, 1995).

Foi criado um departamento de pesquisas para melhorias das espécies através de enxertos e cruzamentos. Milhares de clones foram criados, registrados e produzidos para enriquecimento de outros seringais, aproveitando-se o material de melhoria genética que foram adquiridos por um emissário norte americano em viagem especial ao oriente , em 1933, tão longo se detectou a mal das folhas em Fordlândia. (AMORIM, 1995).

3.1 SAÚDE E EDUCAÇÃO

O hospital Henry Ford, em Belterra embora construído de madeira, era um complexo moderno para a região com consultórios, ambulatórios, sala de cirurgias, sala de parto, pediatria, gabinete odontológico, cozinha, lavanderia, sala de raio x, enfermaria, necrotério e área de espera. Postos de primeiros socorros foram construído nos 4 núcleos habitados por funcionários e suas famílias.

Nos núcleos com maior números de trabalhadores do campo, conhecida como estrada 8, foi construída uma creche para atender as famílias mais carentes. A creche tinha vínculo com a direção do hospital, que faziam inspeção dos produtos alimentícios que eram consumidos na creche.

Na área da educação foram construídas escolas nos núcleos da estrada 1, a escola Henry Ford, na estrada 8; a escola Edsel Ford, na estrada 6 (vila 129) a escola Benson Ford, e na estrada 10; e escola Zelia Braga, nome que foram homenageados por Ford sendo a primeira diretora em Belterra. Tanto professores como alunos eram devidamente uniformizados; as aulas eram ministradas de segunda a sábado e segundo o diretor, Mr. Archibald Johnston, a grade escolar obedecia aos padrões norte americanos, no qual todos saem enfileirados, obedecendo a uma ordem disciplinar, como podemos observar na primeira imagem da sequência.

Figura 12: Escola Henry Ford (Desativada) Figura 13: Escola Santo Antônio (Prédio desativado).



FONTE: A primeira, Acervo Centro de Memória, as duas últimas, fotos do autor.

3.2 SANEAMENTO E TRANSPORTES

Segundo Amorin (2005) um perfeito sistema de captação e abastecimento de água foi montado no acampamento local onde iniciaram as primeiras construções de apoio ao objeto como: escritórios, posto de saúde e residências provisórias.

Na então conhecida estrada 1 e estrada 7, que limitavam a área habitada da época, foram montadas as caixas d'água vindos dos Estados Unidos, as mesmas já pré montadas com capacidade para 50.000 galões de água (aproximadamente 750 mil litros de água). Eram acionados em caso de necessidades ou urgência. Nessa época a água recebia análises de técnicos e era tratada com cloro periodicamente.

De acordo com as leituras dos referenciais que consultamos, a caixa d'água da estrada 1, foi adaptada a uma sirene, no qual o apito era ouvido a 10 km de distância, servindo para orientar os trabalhadores sobre a hora de iniciar e interromper o trabalho, hoje ainda está em funcionamento. Na sequencia podemos visualizar a imagem de duas caixas d'água que ainda fazem parte da paisagem local.

Figuras 14 e 15: caixas d'águas da época de Henri Ford.



FONTE: Fotos do autor.

Na época também foi implantada uma rede de esgoto com galerias e bueiros para atender as residências dos funcionários de primeiro, segundo e terceiro escalão, assim como

os logradouros públicos e todos os prédios da administração centralizada num raio de 1km, iniciando no vértice do encontro com as estradas 1 (estrada que liga a entrada ao centro de Belterra) e 2 (estrada que corta a principal).

Figura 16: Vila Operária.



FONTE: Acervo Centro de memória de Belterra.

A margem das estradas, terraplanadas e bem conservadas, foram abertos valões e fossas para escoamento das águas da chuva que recebiam tratamento sanitário quando necessário, para evitar proliferação dos mosquitos.

3.3 SISTEMA DE TRANSPORTE

Um pequeno flutuante ambulante (espécie de jangada) foi montado em SUMAUMA, (hoje Porto Novo) local de embarque e desembarque de pessoas e produtos que chegaram de diversos lugares a Belterra. O Rio Tapajós era na época o único meio de acesso a Belterra inclusive para pouso do hidroavião (aviões com afluentes para pousar na água). Um trapiche foi construído em Pindobal – Vila que faz parte de Belterra, com correto sobre trilhos, acionados por possante motor de força, que avançava conforme a oscilação do nível do rio, até 50 metros de rio adentro, para recepção e armazenamento dos produtos que chegavam ou saíam do porto de Belterra.

Figura 17: Porto de embarque e desembarque Porto-Novo (7 km da sede Belterra) e Figuras 18 e 19: Porto de Pindobal.



FONTE: Acervo Centro de Memória.

Internamente, alguns automóveis de Ford, serviram aos chefes dos diversos setores do projeto, uns poucos caminhões atendiam a demanda de deslocamento dos trabalhadores de campo. Bombeiros e carros - tanques davam cobertura para apagar fogo ou pulverização dos viveiros de seringueiras. Um ônibus para transporte dos alunos e ambulância para doentes. Alguns caminhões particulares davam suporte ao comércio local, também particular.

Aqui também, os funcionários recebiam capacitações e treinamentos em suas áreas: carpinteiro, eletricitista, pedreiros, mecânicos, motoristas, construtores e carpinteiros. “As promoções eram dadas por méritos e alguns funcionários chegavam a alcançar nível de gabinete” (CHARDIVAL, 2000).

O sistema da monocultura usada pelos técnicos da Ford para o plantio de seringueiras não deu certo, pois o adensamento de árvores de uma mesma espécie (linhagem) tornou possível a infecção por qualquer doença ou peste. O caso da “doença das folhas” ocorrida em

Fordlândia, foi um exemplo. Por esta razão a reprodução de diferentes classes resistentes e com maior produtividade foram acentuadas em Belterra. O departamento de pesquisa intensificou a identificação de outras pestes e doenças, a fim de evitar novas surpresas, foram encontradas doenças como as das folhas; casca negra, doenças da raiz branca e outros, a praga; Aranha vermelha; inseto do laço, saúva; lagarta e charuto.

3.4 A PRODUÇÃO E COMERCIALIZAÇÃO

Em 1941, iniciaram-se os testes para observar as árvores mais produtivas. Após isto, todas as providências, incluindo treinamentos dos seringueiros foi tomado para a exploração com fins comerciais, a partir de 1948, com a previsão de se atingir 40 a 50 milhões de libras de látex, nos 10 anos seguintes.

Em 1942, foram acrescentadas 3.000 que seriam enxertadas em 1943. A previsão de produtividade era de 1.000 a 1.500 libras de látex. Ao final de 1941, Belterra recebeu a visita do ilustre Presidente da República Getúlio Vargas com assessores do seu governo. Vargas sobrevoou o projeto e se admirou com a grandiosidade do projeto e, em terras Belterrenses foi ovacionado por todas as classes trabalhadoras, estudantil, política, etc, assim como recebeu boas vindas dos diretores da companhia, o que mostrava a importância política do projeto Ford na Amazônia. Vargas ainda deu ênfase a obediência das leis trabalhistas e ao tratamento dado aos empregados, as condições sanitárias e boa saúde da nossa gente (SECRETARIA DE TURISMO E MEIO AMBIENTE. BELTERRA PARÁ, 1997).

3.5 O SONHO DE FORD CHEGA AO FIM

Em 1943, morre Edsel Ford, o único filho de Henry Ford, então presidente das indústrias Ford. Henry Ford reassumiu a direção da empresa e uma das suas decisões foi mandar seus agentes dos Estados Unidos ao Rio de Janeiro, para apreciarem o projeto Ford, junto a seus assessores no Brasil e passarem um relato completo sobre o assunto.

De posse das informações que davam conta do atraso em mais de 5 anos na resposta financeira do projeto, Henry Ford autorizou seus agentes articularem a venda de todo o acervo de Fordlândia e Belterra para o governo brasileiro.

Através do decreto lei nº 8440, de 24 de dezembro de 1945, o presidente da república estabeleceu normas para, a aquisição do acervo de Belterra e Fordlândia, através do banco de

crédito da borracha S.A no estado do Pará, pelo preço ajustado entre as partes no valor de CR\$ 5.000.000,000 (cinco milhões de cruzeiros), moeda corrente da época, esse valor segundo Chardival, era simbólico, em moeda corrente da época.

Apesar do fracasso na produção da borracha, Belterra continuou seu processo de urbanização e mudanças na paisagem, inclusive com o desmatamento de grandes áreas para produção da soja.

4. BELTERRA: NOVOS OLHARES A PARTIR DO PROCESSO DE EMANCIPAÇÃO

A partir de sua emancipação em 1995, Belterra passou a ter migrações de produtores agrícolas vindo do centro sul do país, os famosos sojicultor, com monocultura. No início dos anos 2000, os impactos socioambientais como: desmatamento, remanejamento de famílias e algumas ameaças de extinção de algumas espécies de madeira, já são visíveis e trazem grande preocupação para a população local. Visto que a falta de fiscalização é um forte para esses impactos crescerem. Esses problemas não são exclusivos somente de Belterra, pois esse novo sistema de monocultura da soja e a exploração ilegal de madeira envolve vários municípios da região do Baixo Amazonas. E Belterra não se difere de alguns desses problemas, que mostraremos daqui em diante.

Em uma de suas falas, o presidente Emílio Garrastazul Médici, em um discurso de inauguração da rodovia Transamazônica, pronunciou que objetivos era ligar essa região ao nordeste e esse evento ficou sendo conhecido como a “arrancada para conquistar o gigante mundo verde”. Hoje sofre essa conquista com a implantação monocultivo da soja e extração ilegais de madeira.

A modificação da paisagem em Belterra ganhou, nesse novo contexto, essa dimensão com a ajuda do Estado e do grande capital, uma ação que contou com o apoio de políticos de todos os níveis, financiamentos e pouca regidez na fiscalização por parte dos órgãos responsáveis.

O favorecimento para que essa migração teve a facilidade para se adquirir terras baratas que eram vendidas aos agricultores vindos do Mato Grosso, o qual já não dispunha de terras para esse tipo de cultura.

A seguir podemos visualizar algumas imagens, as quais demonstram o que chamamos de “paisagem não natural ou artificial”.

Figura 20: vista aérea de Belterra. Acervo cultural memória de Belterra.

Figuras 21 e 22: plantação de soja as margens da BR-163. Figura 23: aberturas de estradas.



FONTE: a primeira, Acervo centro de memória. As três ultimas do autor

A grande quantidade de terras às margens da rodovia BR-163, e terras que foram distribuídas pela INCRA para o grande projeto de colonização da década de 70, conhecida como assentamento, foi uma das causas dessa implantação, desse sistema de monocultivo, que os assentados para ter um acesso a alguns bem venderam seus lotes para migrarem para Santarém ou outras cidades circunvizinhas devido ao descaso por parte do INGRA, que só repartiu os lotes e não deu mais suportes a esses assentados.

Assim como aconteceu no período da Companhia Ford Industrial do Brasil, os donos de lotes foram negociando suas terras por preços bem mais baixos para os sojicultor, sem nenhuma resistência ou dificuldades em comprar uma grande quantidade de terra por pouco dinheiro. Hoje já é uma realidade, os sojeiros se instalaram não só no município, mas em todo oeste paraense.

As ações idealizadas por políticas de desenvolvimento faz com que haja um preço a ser pago com esse modelo de produção do capital, isso causa impacto direto ao meio ambiente e com isso uma visão diferenciada da paisagem.

Alguns levantamentos em Belterra indicam que os próprios moradores as margens da BR 163 vêem o asfaltamento da rodovia, com o preço a ser pago pelo progresso, ou seja, o desenvolvimento, isto é, o processo de desenvolvimento trará graves consequências entre elas a qualidade de vida que sofrerá perdas, tendo em vista o desmatamento e outros, além da expropriação de terras das populações tradicionais.

As implantações da monocultura da soja nessa região traz consigo uma série de conflitos que viam esses projetos com desconfiança, justamente pela degradação ao meio ambiente e principalmente pelo desflorestamento da região.

Vários movimentos sociais de luta pela terra vão tentar coibir a entrada de grupos de sojeiros que vinham ganhando espaço na região, e principalmente no município de Belterra. Esse grupo, na sua maioria, são de outros estados como: Mato Grosso, Paraná, Rio Grande do Sul.

A situação que hoje se encontra a paisagem é bastante preocupante como citado acima, são esses motivos que algo pior venha a acontecer.

Assim, esse “progresso” começa a ter suas incertezas, onde há uma grande quantidade de pessoas sem ter onde plantar e poucas com imensas quantidades de terras, e muitos são até mesmo expulsos e que deixam de produzir varias espécies de produtos da região, e por outro lado apenas o cultivo da soja que se limita em só produzir, sem deixar, nem um ônus no município.

Analisando esse acontecimento que se deu no final dos anos 1990, logo quando chegaram os produtos de soja e de maneira fácil se apropriaram de grandes porções de terra na área da cidade e em suas proximidades, as vezes por influência de alguns gestores municipais, pelos preços baixos ou até mesmo em caso de troca por carros e motos. Em alguns casos por pressão e ameaças sobre os pequenos agricultores que viviam no lugar.

Como exemplo, quadros de 16 hectares que correspondem a 400 m² foram sendo comprados aleatoriamente por preços baixos, que chegavam ao máximo 5 mil reais, que para alguns pequenos agricultores era muito, por nunca terem a oportunidade de ter em mãos essa quantidade de uma só vez.

Apesar de a soja trazer vantagens econômicas, esta prejudica o meio ambiente, não só pela exploração em alto escala, como também pelo uso de agrotóxicos na lavoura da soja.

Em relato de alguns moradores, houve mudanças no clima, e uma das causas foi o desmatamento, além da proliferação de doenças respiratórias causadas pelo uso de agrotóxicos nas plantações de soja.

Por outro lado os chamados sojeiros dizem que os pequenos agricultores são agraciados pela natureza e isso causa certo comodismo e isso faz com que eles não se utilizem de máquinas mais técnicas e continuam no tradicionalismo, o que não acontece com os sojeiros que preparam suas terras sem queimá-las.

Alguns moradores relatam que há 30 anos, o clima era de montanha e que para tomar banho no final da tarde era preciso jogar bola devido a temperatura que esfriava, mas quando chegaram os sojeiros, as coisas começaram a piorar. Segundo eles, se desmatar a floresta a tendência é esquentar o clima. Outro morador afirma que *“a mata aqui já foi praticamente devastada, veio o progresso e com ele veio a destruição da natureza”* (entrevista cedida por José Melo, 56 anos, morador de Belterra e pequeno criador de abelha-apicultor).

Outro caso que está afetando também são os criadores de abelha sem ferrão que dizem que as abelhas voam longe para procurar o néctar e que muitas estão sendo afetadas por uso de agrotóxicos, e que chega a prejudicar o mel.

Outro morador relata:

Uma coisa que a gente percebe é, que a soja não tem nada haver com nós aqui, eu sei que quando não tinha a soja aqui era bem frio, era bem agradável, mas hoje é muito quente, esse acontecimento de mudanças do clima em vários lugares, e eu acredito que a soja teve uma grande contribuição nisso. Aqui a gente via muitos animais hoje não se vê mais. (SR. Manoel 72 anos, morador).

Assim como o senhor Manoel há pessoas que defende a natureza como é o repentista da terra mais conhecido como Tica, que também escreve suas poesias em cordel.

É moto serra zoando, o clima mudando e só faz aquecer. O arroz e a soja, não faz nosso povo deixar de crescer, você vai ver castanheiras, bacabeiras, pequiás, jaranos, maçaranduba e até jacarandá. A lei protege, mas que proteção é essa, o trator é a moto serra todo dia fazem festa. (Senhor Francisco Bezerra, o Tica, 78 anos, aposentado).

Essas pessoas valorizam a preservação do meio ambiente, da paisagem, que hoje sofrem com o descaso das autoridades competentes, que não agem em tempo hábil. A produção do lugar era baseada em frutos, onde os excedentes eram vendidos para outros

mercados, hoje há uma escassez das variedades de frutas outrora aqui existentes em grandes quantidades, como laranja, manga, banana, cupuaçu e outros.

A saída dos pequenos produtores de suas localidades fez que esse domínio da soja se expandisse e que essas áreas, como pomares fossem derrubadas para a ocupação da monocultura.

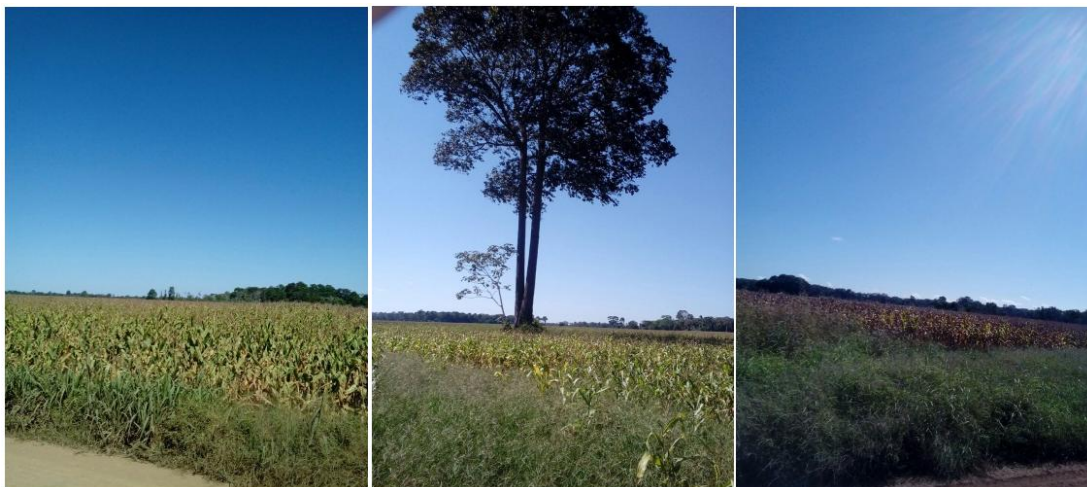
No livro “O Brasil, uma nova potência regional do mundo” Becker e Egler (1993, p.52), já haviam nesse período escrito sobre a tendência de agronegócio na região, ou seja, “estrutura econômica e social da agro exportação se associou uma estrutura espacial específica”.

A leitura dos autores nos faz sentir o momento atual pelo qual passa Belterra. O agronegócio invadiu o espaço do pequeno agricultor da região para fins de exportação do seu produto, fazendo da floresta o seu alvo para aumentar a sua produtividade, e como se diz da Amazônia que é uma região do país como grande potencial natural e humano isso enche os olhos dos grandes empreendedores de todo o país principalmente do centro sul.

Becker (2004) chama isso de uma nova geografia da Amazônia, na qual é uma tendência de desenvolvimento, mas que no caso de Belterra não há a tão sonhado emancipação, visto que a grande quantidade de grãos produzidos não deixam recursos no município, que não recebe nem sequer os impostos.

Apesar dos lucros obtidos em Belterra, com a produção de soja, os empresários não contribuem com a renda local, pois todos os seus equipamentos são comprados de outros municípios e de outros estados. Assim vimos às transformações ocorridas na paisagem em Belterra e em suas mediações e como os habitantes pensam sobre essas transformações, uma vez que esse tipo de agronegócio se apropriou de grandes áreas de terras disponíveis no lugar e essas transformações são bem visíveis em áreas dentro da cidade e suas imediações, devido a forma voraz que se utiliza esse tipo de agricultura predatória. Mesmo que haja um reflorestamento nas áreas já degradadas, o desflorestamento já atingiu grande área da cidade e seus arredores.

Figuras 24, 25 e 26: Paisagens transformadas com as plantações de soja, milho, entre outros.



FONTE: Fotos do autor.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Podemos considerar como pontos finais que, o que atenuou, ou seja, desarticulou ou desestruturou o modo de vida do lugar e mesmo das pessoas, podemos frisar dois momentos importantes, que impactaram fortemente e predatoriamente a paisagem natural de Belterra, com grandes porções de terras dentro do município e a grande parte de terras também expropriados de terra da população local: A grande experiência de plantações de seringueiras que foi o primeiro e grande impacto sobre o meio ambiente; (1934 – 1945) e da presença da soja na cidade no final dos anos 1990.

Nos dois casos se coloca a população local como inferior, como se para justificar a troca em favor da mecanização sobre o tão marcante discurso da modernidade, discrimina a forma de como a população local faz o uso da terra, na qual falam que é arcaico e primitivo, ou rude, pelo fato de os mesmo usarem o machado, terçado, enxada no que prioriza a agricultura como atender suas necessidades, não objetivando lucros, ou vendas, como cita (Bosi, 1979, p. 42), é “a experiência que passa de boca em boca e que o mundo dos técnicos desorienta”.

Assim, desse ponto de vista, o modo de vida da população da cidade de Belterra de diferem, devido os períodos que o local passou, ou seja, a cultura, é moldada como a vinda dos americanos, pelo poder dos migrantes que vieram do nordeste, pela agricultura, e das próprias populações locais ou tradicionais, pelo extrativismo.

Assim podemos pensar que os modos de vida são resultados dos povos ou grupos que trouxeram para uma formação cultural primária. Os modos de vida em Belterra hoje são resquícios das experiências vividas com os americanos, embora outros países passem por Belterra na época do plantio de seringueiras.

Mas ainda há de considerar que na época da CFIB, na década de 30, não havia resistência sobre o campo de poder, como nos dias atuais onde há uma preocupação sobre a questão ambiental, direitos humanos, ligados as organizações regionais, nacionais e internacionais para questionarem e denunciarem tais problemas como a expropriação e o desmatamento. Além da grande produção de soja, as leis de proteção ambiental deixa a desejar por ser flexível, e, assim põem em risco a preservação da floresta que fica mais próxima de outras agressões por parte do agronegócio.

As alterações da vegetação são consequências desses acontecimentos, ou seja, os impactos ambientais são resultantes dos usos da terra, que se tornou uma marca em nossa região. Em fim, a Amazônia vem sendo alvo de tragédias ambientais como, desmatamento, incêndios florestais, assoreamento de rios, e tudo isso causa desequilíbrio ecológico, no entanto que nós possamos contribuir com a natureza fazendo o nosso dever de maneira mais sustentável.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, A.T. S. **A dominação Norte Americana no Tapajós, A Companhia Ford Industrial do Brasil**, 1995.

BECKER, B. Amazônia. Geopolítica na virada do III milênio. Rio de Janeiro: Garamond, 2004.

BECKER, B; EGLER, C. Brasil, uma nova potência regional do mundo. Rio de Janeiro: Beltrano Brasil 1993.

BOSI, E. Memória e sociedade: lembranças de velhos. São Paulo: T.A. Queiroz, 1979. P.1 – 49.

FUNDAÇÃO DE PESQUISA DE AMPARO A SÃO PAULO, 2008. DISPONÍVEL EM > <http://revistapesquisa.fapesp.br/tag/ecologia/feed/>>.

GRANDIN, G. **Fordlândia Ascensão e queda da cidade esquecida de Henry Ford na selva** / Greg Grandin: tradução de Nivaldo Montingelli Jh. – Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

PANTOJA, Chardival Moura. Belterra um pouco de sua historia, 2000(livro não publicado).

SANTOS, M. Metamorfose do espaço habitado. (1ª ed, 1987), 3ª. Ed. São Paulo, nobel 1996.

_____. A metamorfose do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia. São Paulo: Hucitec, 5ª ed. 1997.

_____. A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção / Milton Santos. - 4. ed. 2. reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SECRETARIA DE TURISMO E MEIO AMBIENTE. BELTERRA PARÁ, 1997.